

ENQUADRAMENTO

O problema que pretendo discutir neste artigo é este: a progressiva dificuldade encontrada pelo homem atual (e mais especialmente pelo intelectual), de ocupar e manter uma posição independente das gavetas rotuladas "direita" e "esquerda". A dificuldade tem vários aspectos. Um deles diz respeito à solicitação insistente exercida pelas gavetas sobre a mente de toda pessoa. Um outro tem a ver com o fato que toda pessoa vai sendo enquadrada em uma das duas gavetas mais ou menos sem se dar conta, e tende a aceitar o enquadramento. E um terceiro aspecto da dificuldade é a sensação da solidão e do desamparo que acompanha a tentativa de evitar as gavetas. E há outros aspectos. Por exemplo: ambas as gavetas dispõem de rótulos que enquadram os não enquadrados; a direita do rótulo "inocente útil", e a esquerda do rótulo "alienado". E assim surge uma terceira gaveta, como acôrdo tácito entre as duas primitivas, e a tentativa de independência acaba na terceira gaveta. A consideração das dificuldades ultrapassa o escopo deste artigo. A questão que pretendo levantar é a razão por que, a meu ver, o homem atual deve enfrentar as dificuldades e procurar evitar o enquadramento.

Consideremos as duas gavetas. Não são simétricas, e não podem portanto ser comparadas sem risco de superficialidade. Devem ser consideradas separadamente. A gaveta direita é ampla, comporta uma série de tendências, e seu denominador comum é negativo: ser anti-esquerdista. Este negativismo é, no entanto, um aspecto que se oferece apenas àquele que se encontra fora da gaveta. Vista de dentro, ela enquadra liberais e conservadores, racionalistas e sentimentalistas, religiosos e anti-religiosos, humanistas e fascistas. Parece pois que se trata de gaveta que contém gavetas. Mas isto é um erro. A gaveta é sólida e unificadora, a despeito da balburdia que nela prevalece. A solidez e unificação são garantidas por determinados modelos que unem todos direitistas. E esses modelos, embora dificilmente articuláveis, são perfeitamente vivenciáveis na sua forma realizada: a sociedade burguesa. A gaveta esquerda é muito mais fácil de ser compreendida. É ordenada. Contém as tendências que partem do marxismo ou se aproximam dele. E, embora a luta entre essas tendências não seja menos violenta que aquela que separa as tendências direitistas, é óbvio que

todos os esquerdistas falam a mesma linguagem. Em outras palavras: a direita luta entre si para estabelecer metas, e a esquerda para encontrar métodos que estabeleçam uma meta concordada. Este fato explica uma consequência curiosa da assimetria das gavetas: Para a direita é a gaveta esquerda uma das tendências da atualidade, embora uma tendência agigantada. Para a esquerda é a gaveta direita uma aglomeração de tendências ultrapassadas, um depósito de lixo.

Os termos "direita" e "esquerda" provêm de contextos políticos, mas as considerações precedentes provam que atualmente extravasam esse contexto original de longe. Invadem todos os campos do pensamento e da atividade, a começar pela filosofia, e a terminar pela arte. Neste sentido espúrio politizam tudo. Isto é: colam sobre tudo um rótulo originalmente político, mas atualmente esvaziado de significado. E é este esvaziamento que deve ser considerado.

As gavetas surgiram com a Revolução francesa, embora possam ser projetadas sobre um passado paciente. Nessa projeção (extremamente cômica para um não enquadrado), Moisés pode ser considerado esquerdista e Arão direitista, ou vice-versa. Ao surgirem, tiveram as gavetas uma função nítida: canalizar duas correntes de pensamento em confronto com a revolução industrial e os novos problemas por ela lançados. Aquilo que unia as duas correntes era a convicção de que a revolução industrial pode ser manipulada e dirigida. Divergiam quanto à direção a ser imprimida sobre os acontecimentos. Atualmente é óbvio (para quem não visa os acontecimentos pelo prisma de uma das duas gavetas), que a convicção comum a ambas era falsa. Que a revolução industrial segue um projeto próprio, progressivamente mais intocável por interferências deliberadas, e que ambas gavetas são incompetentes para os fins, para os quais foram criadas. Em outras palavras: a revolução industrial segue o seu caminho com inteira indiferença a considerações direitistas ou esquerdistas (embora talvez não esteja indiferente a considerações de outro tipo). A semelhança crescente entre o comportamento do homem soviético e americano o prova. Mas embora as gavetas não funcionem mais para a finalidade original, funcionam perfeitamente

em outro sentido: evitam que surjam outros modelos, mais apropriados à atualidade.

Já disse que as gavetas servem para politizar tudo. Fazem crer que a política é, de alguma forma, um campo preferencial das decisões humanas. Porque fazem crer que a política é um campo de valores. Mas atualmente esta crença está-se tornando insustentável. A política está-se tornando campo de ciências especializadas, e portanto está sendo esvaziada de valores. Máquinas para governar já não pertencem mais ao domínio da fantasia. Com efeito, este é um dos mais problemáticos resultados da revolução industrial: o de ter eliminado progressivamente da política decisões valorativas. Confrontado com a teoria dos jogos, com cálculos de probabilidade, com previsões de computadores e com extrapolações de curvas o direitista e esquerdista comporta-se no campo da política como se comportaria no campo da física um católico ou protestante do século XV: procurando por soluções católicas ou protestantes para a teoria da relatividade. Com efeito, a incompetência das duas gavetas no campo político torna-as inócuas, e a consideração da cena política o prova cabalmente.

Como rótulos políticos estão portanto ambas as gavetas esvaziadas de significado (isto equivale a dizer que a política se tornou "Realpolitik", mas agora num sentido científico, e não empírico e oportunista). Mas como métodos de enquadrar pensamentos e atividades as duas gavetas continuam tendo significado, um significado nefasto. Porque distorcem pensamentos e atividades, ao procurarem enquadrá-los. E é curioso notar que essa distorção é consequência da tendência de ambas gavetas de enquadrar o pensamento e a atividade na gaveta oposta: todo pensamento que não é nitidamente direitista é torcido pela direita até caber na gaveta esquerda, e vice-versa. Tudo isto é um belo exemplo para a lei de Parkinson: as gavetas continuam a funcionar, apenas para funcionar, mesmo depois de terem perdido o propósito original para o qual tinham sido criadas.

A ação modeladora que as gavetas exercem sobre o pensamento e a atividade se dá em dois níveis: no público e no privado. No nível público pensamentos e atividades

Vilém Flusser

dados são "explicados" até caberem em uma das duas gavetas. E, se isto não for possível, são enquadrados na terceira gaveta, mantida em reserva. No nível privado a ação modeladora incide diretamente sobre pensamento e atividade, no íntimo do homem, e faz com que já saiam deformados. Existe pois um "feed back" entre os dois níveis: A minha ação é "explicada", publicamente, como direitista ou esquerdista, e isto faz com que a minha próxima ação procure adaptar-se ao modelo imposto. Assim, de modo quase automático, estou sendo enquadrado, geralmente na gaveta oposta àquela à qual pertencem os meus modeladores. Trata-se de um proselitismo às avessas, um dos fenômenos mais inquietantes da atualidade (Penso, por exemplo, no "fascismo" dos intelectuais independentes nos países socialistas, ou no "marxismo" de intelectuais como Oppenheimer). Uma das consequências desse proselitismo invertido é a radicalização progressiva de todas as posições, e a polarização da cena. E polarização é empobrecimento, já que elimina nuances.

Como reagir a esta deformação, radicalização e empobrecimento? Como manter dentro de si a disponibilidade para outros modelos que não os dois estabelecidos? E a abertura para modelos futuros, ainda a serem elaborados? Esta me parece ser uma das questões mais importantes na atualidade. Não disponho de uma resposta infalível. Talvez é preciso lutar diariamente para manter a sua independência e dignidade. Goethe diz: "Nur der verdient sich Freiheit und das Leben, der taeglich sie erobern muss" (apenas merece liberdade e vida, quem as conquista diariamente). Mas uma coisa parece certa: Já que não podemos evitar que os nossos pensamentos e as nossas atividades sejam enquadradas por explicações modeladoras, devemos reagir no sentido de não nos deixarmos influenciar por elas, ou minimizar a influência inevitável. Em outras palavras: não permitamos que os nossos críticos da direita nos empurrem para a esquerda, e vice-versa. Naturalmente este conselho encerra um perigo: o da posição equidistante. Essa é sempre falsa. É bom mantermos este perigo em mente. Mas o perigo maior, o perigo que caracteriza o nosso tempo, é o perigo do enquadramento. Resistamos a ele, sob pena de perdermos identidade como seres pensantes e agentes.